AS TRAJETÓRIAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES E DE NOSSA SENHORA DA FÉ NA IGREJA DO ANTIGO COLÉGIO DA BAHIA: CATEDRAL BASÍLICA DE SÃO SALVADOR

Belinda Maria de Almeida Neves
Doutoranda em Artes Visuais – PPGAV-EBA-UFBA
belindaneves@hotmail.com

RESUMO
Estudos parciais sobre a movimentação da imaginária religiosa na antiga igreja do Colégio da Bahia, atual Catedral Basílica de São Salvador. Apresentamos aspectos iconográficos e históricos das imagens de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Fé, nos seus respectivos altares de origem, e o seu percurso por outros altares e recintos até a sua localização nos dias atuais. A análise e interpretação dessas trajetórias foram realizadas mediante pesquisa em pinturas e fotografias históricas, fontes bibliográficas e entrevistas. A imagem de Nossa Senhora das Dores, do século XVIII, pertencia ao altar da sacristia do Colégio dos jesuítas na Bahia e estabelecia diálogo com o altar defronte a esse, do Cristo Crucificado, além das pinturas do teto no mesmo recinto, conforme o programa iconográfico estabelecido pelos religiosos da Companhia de Jesus. Posteriormente, esses dois altares receberam frontais de estilo neoclássico e o de Nossa Senhora das Dores também uma vitrine, com a intenção de proteger a imagem. Na década de 1980 a referida sacristia foi submetida à restauração e a imagem original substituída pela de Nossa Senhora da Fé, no mesmo altar, onde ainda se encontra atualmente. A imagem de Nossa Senhora da Fé, século XVII, originária da antiga Igreja da Sé, demolida em 1933, é revestida em folha de prata. Fruto de devoção fervorosa de uma irmandade homônima, composta por rapazes solteiros. Na Catedral, para abrigar a imagem de Nossa Senhora da Fé foi escolhida a capela de Santo Inácio de Loyola, ali permanecendo por mais de três décadas. Há registros de pinturas e fotografias da mesma imagem no arcaz da sacristia e, posteriormente, na capela-mor, até a transferência para o altar onde hoje se encontra. Por sua vez, a imagem de Nossa Senhora das Dores seguiu outra trajetória pelo templo: foi inicialmente guardada nas dependências da igreja e, quando inaugurado o Museu da Catedral, para lá foi transferida. Após o início da restauração da capela-mor, a imagem seguiu para o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e lá passou por processo de limpeza e conservação, e na mesma instituição se encontra exposta ao público.

Palavras-chave: Imaginária colonial. Nossa Senhora das Dores. Nossa Senhora da Fé. Antiga Sé da Bahia. Catedral de Salvador.

INTRODUÇÃO

A sacristia da antiga igreja do Colégio da Companhia de Jesus na Bahia, atual Catedral de Salvador, sempre despertou a atenção de pesquisadores e visitantes pelo conjunto de pinturas, mobiliário e altares, muitos destes concluídos nas últimas décadas do século XVII e meados do século XVIII, como bem informa o padre e pesquisador jesuíta Serafim Leite (LEITE, 1945).

Na atualidade, estão no mesmo local, o grande arcaz da sacristia com lavores em tartaruga e marfim, as pinturas em cobre com a vida de Nossa Senhora, os painéis com a temática do Antigo Testamento, o lavabo em pedra. Quanto aos altares, ainda apresentam a mesma configuração o de Nossa Senhora da Conceição com a pintura em tela, o do Santo Cristo e, defronte a esse, outro altar que acolhe a imagem de Nossa Senhora da Fé, originária da antiga igreja da Sé, demolida em 1933.[1] Até meados da década de 1980, esteve naquele altar uma imagem de Nossa Senhora das Dores, que estimamos ser ainda do período jesuítico.

NOSSA SENHORA DA FÉ

A imagem que hoje se encontra na sacristia da igreja é dourada e policromada. Na base em esfera azul celeste estrelada estão três querubins e três anjos. O primeiro anjo, à esquerda, apresenta uma tríplice tiara, uma tiara papal; o segundo tem os olhos vendados, uma alegoria à fé católica; o terceiro anjo, à direita, segura um livro com o dogma de Maria Imaculada. Fazia parte do conjunto um ornamento que a santa trazia junto à mão esquerda. Esse elemento estava presente em fotografias até o ano de 1969, mas, após essa data, não foi mais visto junto à imagem.

A notícia mais antiga que se tem na Bahia sobre a imagem de Nossa Senhora da Fé é fornecida através de frei Agostinho de Santamaria (1722). Informa o autor que a imagem pertencia a uma fervorosa irmandade homônima, de rapazes solteiros, e que foi colocada em sua capela, colateral no lado do Evangelho, ano de 1644, na igreja Catedral da Cidade da Bahia. Conforme a descrição de frei Agostinho de Santamaria (1722, p.29), a imagem "hé de escultura de

[1] Ver também: LEAL, Fernando Machado. *Catedral Basílica de São Salvador da Bahia*, 2002; FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Igrejas e Conventos da Bahia*. Tomo 2, 2010; NEVES, Belinda M. A. *O bestiário na igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Salvador*. 2015.

Figura 1 – Nossa Senhora da Fé no altar da sacristia da Catedral Basílica de Salvador, antiga igreja do Colégio dos jesuítas. Foto: Belinda Neves, 2013.

Figura 2 – Nossa Senhora da Fé no altar de Santo Ignácio de Loyola. Cartão postal [s.d.]. Arquivo Histórico Municipal de Salvador/ Secult. Fundo Coleção Renato Bebert de Castro. Foto 0686 – Pasta 023.

de madeyra, mas esta toda cuberta de folha de prata, ricamente lacerada. A sua estatura são seis palmos em alto, & ainda que está toda cuberta de prata, He devotissima, & muito fermosa".

Em 1871, alguns altares da antiga Igreja da Sé foram renovados. De acordo com Marieta Alves (1976, p.176), os colaterais da Senhora Santa Ana e o de Nossa Senhora da Fé foram executados pelo entalhador Cipriano Francisco de Sousa (c. 1819-1890), "um dos entalhadores mais procurados do seu tempo". Também no século XIX, conforme Manoel Querino (1909, p.74), coube ao pintor e dourador Antonio Gentil do Amor Divino (1852-1854) a pintura da imagem de Nossa Senhora da Fé.

Em 1933, sob protestos da população baiana, e em nome do progresso da cidade, foi a igreja da Sé demolida. Ficaram os registros dos altares na obra de Manuel Mesquita dos Santos (1933) e, também, no álbum fotográfico encomendado pela família Martins Catharino (1928). Posteriormente, coube ao escritor Fernando da Rocha Peres ampla pesquisa sobre a Igreja da Sé e o detalhamento do cortejo das imagens de vulto para a Catedral Basílica (1999).

Estimou o pesquisador Luís Sobral (2000) que a imagem de Nossa Senhora da Fé foi para o altar da sacristia logo em 1933, mas não foi isso o que ocorreu. Conforme Affonso Ruy de Souza (1949) a imagem foi colocada no altar de Santo Ignácio de Loyola. De fato, foi no altar do fundador da Companhia de Jesus que essa imagem permaneceu por mais de 30 anos, conforme indicam os registros fotográficos. Naquele altar aparece na obra de Lucio Costa (1941, p.162), em imagens de cartões postais e em fotografias do acervo digital do Iphan. Em fotografias de 1969 a imagem já se encontra sobre um arcaz na sacristia, com o ornamento na mão esquerda;[2] em 1975, ainda no mesmo arcaz, outra fotografia acusa a ausência do ornamento;[3] em 1978, aparece na capela-mor.[4]

[2] Cf. duas fotografias do pintor Ivan Lopes, acervo Ivo Neto, não apresentadas no texto em virtude da limitação de espaço.
[3] Cf. acervo fotográfico do IPAC – Fotografia de Dilton Mascarenhas, 1975. Reprodução de Lázaro Menezes, 2016. Não apresentada no texto em virtude da limitação de espaço.
[4] Cf. fotografia do aniversário de Dom Avelar em 13/06/1978. Arquivo Histórico Municipal de Salvador/ Secult. Fundo Diário de Notícias. Foto 3934 – Pasta 384. Não apresentada no texto em virtude da limitação de espaço.

Figura 3 – Nossa Senhora das Dores, século XVIII, no Museu de Arte Sacra da UFBa. Dimensões: 183 cm x 92 cm x 55 cm. Fonte: autora, 2016.

Figura 4 – Detalhe da imagem de Nossa Senhora das Dores. Fonte: autora, 2014.

Entre 1978 e 1990 foram realizadas obras de restauração na igreja e sacristia (LEAL, 2002, pp.147-153). Nessa ocasião ocorreu a substituição da imagem de Nossa Senhora das Dores pela de Nossa Senhora da Fé pois, em fotografia de 1987, a imagem já se encontra naquele altar.

Entre 1978 e 1990 foram realizadas obras de restauração na igreja e sacristia (LEAL, 2002, pp.147-153). Nessa ocasião ocorreu a substituição da imagem de Nossa Senhora das Dores pela de Nossa Senhora da Fé pois, em fotografia de 1987, a imagem já se encontra naquele altar.

NOSSA SENHORA DAS DORES

A referência mais antiga da presença de uma imagem de Nossa Senhora das Dores na sacristia da igreja ocorre na ocasião da expulsão dos jesuítas, no inventário da igreja e do Colégio, iniciado em 25 de janeiro de 1760 (LEITE, Tomo VII, Apêndice D).

No mesmo documento consta que "em o altar, que fica do lado direito da porta, por que se entra para a Sachristia huma imagem da Senhora das Angustias de Estatura grande, tem diadema de lotão prateado, e o throno, em que se acha hé de madeira dourada." No altar defronte, "se acha a imagem de Christo Crucificado de estatura avultada tem resplendor de cobre".

O mesmo inventário se refere à ornamentação dos dois altares com "dous pares de cortinas de brim, com franja, e espiguilha de retróz roxo, que servem de cobrir o altar de Nossa Senhora das Dores, e Santo Christo da Sachristia na quaresma". Na sequência informa a existência de "mais duas dittas de seda, de mattizes vermelha, já desmayadas por serem velhas, que servem de ornato aos mesmos dois altares". O documento esclarece a relação entre os dois altares: diante do Cristo no Calvário havia uma Mãe Dolorosa, seja essa Nossa Senhora das Dores ou Nossa Senhora das Angustias.

A relação entre os dois altares é bem mais ampla. Ao pesquisar a sacristia da igreja e identificar trechos das *Lamentações* nos dísticos do nicho do altar, notou Luís de Moura Sobral (2000, p.226), diante da imagem de Nossa Senhora da Fé que, "é claro que não era esse o orago do altar, como demonstra a inscrição". Trata-se dos quatro primeiros versículos das *Lamentações*, atribuídas a Jeremias, como esclarece o autor: "Ela chora sem cessar durante a noite / e as suas lágrimas cobrem-lhe as faces / nem um só para a consolar / de todos os seus amigos",[5] temática relacionada à liturgia da Paixão de Cristo.

[5] Em latim, "Plorans ploravit in nocte; / Et lacriymae ejus in maxiliis ejus" e "Non est qui consolatur eam / ex omnibus charis ejus ". *Id, ibid.*

Figura 5– Altar de Nossa Senhora das Dores com vidro e frontal estilo neoclássico. Fotografia: acervo fotográfico do IPAC [s.d./s.a. na fonte]. Reprodução de Lazaro Menezes, 2016

Ao analisar o programa iconográfico da sacristia, logo concluiu Sobral (ibidem) que "tanto o passo das *Lamentações*, como a própria lógica interna do programa levam a pensar que se tratava duma Nossa Senhora das Dores, provavelmente com as sete espadas espetadas no peito, representação devocional do Coração de Maria". A verdadeira imagem de Nossa Senhora das Dores chegou ao autor após a escrita do texto, mediante o envio de um cartão postal.[6] Com a imagem original no altar, o programa iconográfico é potencializado e passa a ter sentido.

A ornamentação do forro pintado também estabelece diálogo com os dois altares: bem acima do Cristo Crucificado estão os jesuítas crucificados no Japão – João de Goto, Jacob Kisai, Paulo Miki – e, acima do altar de Nossa Senhora das Dores, os jesuítas mortos no Brasil pelos índios, por tacape ou flecha – Francisco Pinto, João de Sousa e Pedro Correa. Esse diálogo deixa de existir com a ausência de Nossa Senhora das Dores no recinto. Há, entretanto, outros diálogos que se estabelecem entre os elementos decorativos na sacristia.[7]

No decorrer do século XX, as fotografias e pinturas da sacristia revelam que no altar de Nossa Senhora das Dores havia uma vitrine protegendo a imagem. Frontais em estilo neoclássico também ornamentavam os dois altares, um defronte ao outro. Durante a restauração da sacristia foi essa vitrine retirada, além dos dois frontais, evidenciando o mármore da decoração jesuítica (FIG. 1).

Após a restauração da sacristia, Nossa Senhora das Dores não mais voltou ao seu altar, há 30 anos foi ali entronizada a imagem de Nossa Senhora da Fé. Esteve a imagem guardada nas dependências da igreja e, posteriormente, transferida para o Museu da Catedral, em funcionamento nas dependências da antiga livraria dos jesuítas.

Entre 2009 e 2010 teve início a restauração da capela-mor pelo Studio Argolo.[8] Na ocasião o recinto do Museu foi transformado em atelier e parte das imagens foi transferida para o Museu de Arte Sacra da UFBA, entre essas, a de Nossa Senhora da Fé.[9] Naquela instituição passou por limpeza e ali se encontra exposta na atualidade.

A imagem de Nossa Senhora das Dores da sacristia da Bahia desperta a atenção de pesquisadores pela semelhança com outra imagem, no Rio de Janeiro.[10] Conforme Cesar Tovar, no século XVIII uma nova igreja da Companhia de Jesus estava sendo construída no Rio de Janeiro. Estima o autor que o conjunto escultórico do Calvário que hoje se encontra na

[6] Cf. nota 15 do autor.
[7] Ver esses diálogos nas obras SOBRAL, Luís de Moura. *Op. cit.*; NEVES, Belinda M. A., 2015.
[8] Agradecemos ao Prof. Dr. José Dirson Argolo pela cessão de imagem para apresentação no Congresso.
[9] Comodato estabelecido em 19/04/2013.
[10] Agradecemos ao Prof. Dr. Cesar Tovar pelo envio das imagens para este artigo.

Figuras 7, 8 – Nossa Senhora das Dores, século XVIII, madeira dourada e policromada. Dimensões: aprox. 215 cm x 105 cm x 60 cm. Parte integrante do Conjunto escultórico do Calvário, Colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro. Fonte: Cesar Tovar, 2015,

portaria do Colégio Santo Inácio, - composto por um Jesus Cristo Crucificado, Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista - "teria sido encomendado para o altar principal do novo templo". Com a expulsão dos religiosos, a igreja não chegou a ser concluída. Podem ter a mesma origem as imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como tivemos a oportunidade de demonstrar, a sacristia da igreja do Colégio da Bahia já tinha entronizada uma imagem de Nossa Senhora das Dores em seu altar, na ocasião da expulsão dos religiosos em 1760. Imagem essa que estabelecia diálogo não apenas com o Cristo no Calvário, mas também com o nicho do altar e as pinturas do forro. Com a ausência dessa imagem, a leitura não se completa, desvirtuando a interpretação do programa iconográfico concebido pelos jesuítas.

A Companhia de Jesus ainda desperta muitos estudos na contemporaneidade. Entretanto, ainda faltam pesquisas avançadas sobre a imaginária existente na igreja do Colégio Bahia e os exemplares que sobreviveram ao abandono no Seminário de Belém de Cachoeira. É ainda um estudo lacunar que muito contribuirá para a compreensão da religiosidade e o labor artístico do período colonial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marieta. **Dicionário de artistas e artífices da Bahia**, 1976, p.176; FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*, 2006, p.509.BRAGA, Eduardo (Org). *A Sé Primacial do Brasil, Bahia 1553-1928*. Salvador. 1 álbum (33 fotos): p&b; 35 x 27 cm. Acervo da biblioteca do Museu de Arte Sacra da UFBA.

COSTA, Lucio. **A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil**. ARS (São Paulo) vol.8, n.16, São Paulo, 2010.

BARROCO 18 – **O território do Barroco no século XXI.** Número-Simpósio. Ouro Preto/ Belo Horizonte: Instituto Cultural Flavio Gutierrez, 2000. 500p. Il.

BRAGA, Eduardo (Org). **A Sé Primacial do Brasil, Bahia 1553-1928**.F SANTOS, Manuel Mesquita dos. **A Sé Primacial do Brasil.** 1933.

SOBRAL, Luís de Moura. **Ut pictura poesis: José de Anchieta e as pinturas da Sacristia da Catedral de Salvador**. In: Barroco 18, p.226.

SOUZA, Affonso Ruy de. **Catedral Basílica.** 1949, p.12.